

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA SALA DE AULA

Antonio Carlos Lopes Petean¹

A obra *Vovó Nanã Vai à Escola*, de autoria do Prof. Dr. Dagoberto José Fonseca faz parte da coleção mãe África, publicada pela editora FTD. Essa coleção traz para o público brasileiro temas importantes relacionados a tradição cultural afro-brasileira e está comprometida com a Lei 10.639/03 que trata da cultura africana e afro-brasileira em todos os níveis de ensino.

Esta obra é um conto infantil direcionado aos primeiros anos do ensino fundamental e tem como personagens principais as primas Aisha e Yetundê. Está História infantil se passa dentro da escola municipal de ensino fundamental Jornalista Hamilton Cardoso localizada na periferia da cidade de São Paulo.

No início da História de Aisha e Yetundê a professora, durante a chamada, faz alusão aos nomes das meninas e ao fato delas estarem sempre juntas. Diz a professora “...sempre as vejo chegando juntas a escola. Foi isso que me chamou a atenção, além do nome diferente de vocês, Aisha Vida Moura e Yetundê Lunda Moura dos Santos” (Fonseca, 2009). O comentário das alunas em relação à observação da professora permite uma reflexão sobre a diversidade cultural presente na sociedade brasileira. E responde Yetundê a observação da professora: “Nossos nomes são africanos, professora. São lindos, não é? Adoramos ser negras e saber que nossos nomes são africanos. Foi nossa avó que escolheu” (Fonseca, 2009). Este trecho permite aos educadores refletirem, junto aos alunos, a questão da diversidade cultural que entra na formação da História do Brasil, assim como permite trabalhar a estima da população afrodescendente brasileira.

O nome Aisha é de origem Suahili, grupo étnico árabe e está ligado a tradição maometana, enquanto o sobrenome das meninas, Moura, está ligado aos mouros. Os nomes e sobrenome das meninas permitem aos professores abordarem na sala de aula a expansão do islamismo pelo norte do continente africano e a contribuição dos mouros na construção da cultura ibérica.

A História desta obra dá destaque a semana cultural que ocorrerá na escola e o tema da sala de Aisha e Yetundê é o continente africano. As duas meninas iniciam sua pesquisa sobre a África a partir da avó. Evidenciando a importância da oralidade para os afrodescendentes. Diz Aisha que sua avó nasceu na Nigéria, e seu avô em Moçambique e se chamava Samora. Nesta passagem do livro, o autor nos permite estabelecer uma relação entre o nome Moçambique e Samora. Nomes que não aparecem de forma aleatória, mas permite ao professor traçar um paralelo entre as regiões colonizadas por Portugal. Pois grupos étnicos escravizados foram trazidos de Moçambique para o Brasil e permite também, trabalhar a luta dos povos africanos pela sua independência, afinal o nome Samora é o mesmo do líder africano Samora Machel, símbolo da luta pela independência de Moçambique.

Estes nomes permitem, portanto, tratarmos de temas que estão presentes na lei 10.639/03, pois esta lei tem como temática, também, a luta pela independência dos países de língua portuguesa (PALOP).

A pesquisa desenvolvida pelas primas Aisha e Yetundê permite as meninas entrarem em contato com seus antepassados e suas histórias. A referência das primas para iniciarem a pesquisa sobre a África é a avó Nanã. Num dos diálogos entre as meninas e a avó a

¹ Licenciado em História pela UFOP, mestre em Psicologia pela USP/Ribeirão Preto e doutor em Sociologia pela UNESP/Araraquara. Contato: acpetean@yahoo.com.br

História do continente africano é abordada pelo olhar do conquistador e, também, pelo olhar do afrodescendente. Este é um dos exemplos que o autor apresenta aos leitores de sua obra, e que pode servir de base para os professores trabalharem com seus alunos. No decorrer da obra o autor nos apresenta os grupos étnicos situados abaixo do Saara: os Akan, responsável pela criação de um importante e interessante código escrito e os Banyoro que segundo o autor, já possuía um significativo conhecimento na área de medicina. Segundo Fonseca (2009, p. 32) "...na região central do continente, onde se situa hoje Uganda, os Banyoro já faziam a cirurgia de cesariana antes de 1879".

Os leitores terão contato, também, com um mapa político da África e com outro, demarcando os países africanos de língua oficial portuguesa (PALOP), para que os professores possam identificar junto aos seus alunos os países que fazem parte do projeto de unificação da língua portuguesa. O livro termina com a identificação dos diversos grupos étnicos que fizeram parte da História do Brasil, mas estes grupos são representados na obra por gravuras de mulheres escravizadas. Por fim, a obra termina com um glossário para ser trabalhada a História da cultura afro-brasileira e africana.

Para concluir esta breve resenha cabe um comentário sobre o título da obra "Vovó Nanã Vai à Escola". Nanã é considerada a mais velha dos orixás, a guardiã da sabedoria mais antiga e oculta. O nome da obra nos remete, portanto, a temática da religiosidade de matriz africana. Tema que embora deva estar presente nos currículos escolares, ainda é um tabu nas instituições de ensino.

Referência

Fonseca, Dagoberto José. **Vovó Nanã Vai à Escola**. São Paulo: FTD, 2009.